

ENTREVISTADORA: Vamos lá.

JOSÉ FRANCISCO: Então minha inserção nessa equipe de saúde me leva a um contato por ter, exatamente, nessa metodologia de trabalho a participação, a participação comunitária, a participação democrática na instalação dos serviços, de fazer a seleção para os auxiliares de saúde que viriam a ocupar os postos de saúde para então desenvolver procedimentos com aquela população, a gente então tinha já essa carga da participação com o método, né, e a gente obedecia e trabalhava com a metodologia da pedagogia do Paulo Freyre, e isso tudo era muito estimulante. As pessoas que estavam ali eram muito identificadas, que se chamava então de “esquerda”, né, pessoas progressistas, pessoas de esquerda, etc. O grupo era praticamente todo dominado por essa visão de mundo, né. E eu tinha já uma, um interesse, uma certa nostalgia, um interesse assim pela questão agrária, pela questão, não era meu objeto de trabalho, de estudo imediatamente, mas era algo que me comovia, era um pouco comovido por essa questão, eu tinha uma vontade de conhecer. Então isso foi um casamento muito fácil. Vem o serviço de saúde que se instala no meio rural, uma região praticamente abandonada, que é a região do norte de Minas como um todo, e começa a travar então uma relação a partir do trabalho, uma relação com as organizações sindicais. Nos municípios que eu vou então trabalhar, eu vou levar o projeto, para selecionar aos profissionais ou para instalar o posto, além do que tá instituído, que era, digamos aí, as prefeituras, as câmaras municipais, porque era importante ter isso com você, porque sem isso você não andava, não é? Mas também eu procurava a associação comunitária se existia, se a ação de mulheres existia, o sindicato dos trabalhadores rurais, ou enfim, e aí foi também uma paixão de cara, porque fui conhecendo pessoas né, como algumas eu cito porque foram muito importantes também na minha vida, na minha formação, que tem o Marcelino, lá de São Francisco...

ENTREVISTADORA: Do sindicato.

JOSÉ FRANCISCO: Do sindicato, presidente do sindicato. E lá da lagoa lá, do Bom Jardim, que era, era não, é uma figura viva ainda, uma figura impressionante, um grande professor. Conheci o Anísio, né. O seu Anísio, que era presidente do sindicato, um sindicato em formação no município de Manga. E depois conheci o seu João, em Janaúba, João Pica Pau. E conheci nessa sequência, na formação, não é? Na formação que o Marcelino, seu Francisco era um homem preocupado com a formação, com a sucessão na linha sindical, no trabalho de base foi identificado o Eloy, então conheci o Eloy Ferreira, esse sim, posso dizer que era o mestre dos mestres, era um homem de uma afabilidade, de um conhecimento e de uma, de um domínio, uma

força. E aí nasceu uma grande amizade! E essa amizade aí fica mais fácil ainda, né? Nós juntamos a saúde, a luta pela questão agrária, pela questão do campo, pelas melhores condições de vida e de trabalho dos trabalhadores rurais e aí eu passei a ser um militante, não é? Ser um militante da causa. Isso foi uma coisa muito natural, ela veio assim com, então era, você me encontrava à noite, final de semana eu tava no meio rural, eu tava com os trabalhadores.

ENTREVISTADORA: Dia a dia.

JOSÉ FRANCISCO: Eu estava ajudando, por exemplo, pra formar um sindicato naquela época era algo inimaginável. Inimaginável. A quantidade de documento e a quantidade de procedimento que se exigia... Não sei quantas reuniões nos lugares... Mas só que pra você fazer uma reunião com os trabalhadores, os trabalhadores estavam aonde? Estavam em fazendas. O movimento não entrava. Era difícil! Era difícil o sindicato conseguir entrar naquela terra. E muitas vezes, como eu tinha, como eu fazia meu trabalho de supervisão de saúde ou de treinamento em serviços de saúde e tinha o carro do estado, com a chapa branca, assim, uma rural vermelha com a chapa branca, eu colocava sem a menor dúvida a liderança comigo...

ENTREVISTADORA: Pra fazer mobilização.

JOSÉ FRANCISCO: É. E entrava. Porque aí o carro abria, a porteira abria, da fazenda, e a gente entrava e ia lá pra debaixo do pau pra fazer aquela reunião pra cumprir aquilo que era exigido pelo estatuto, né, estatuto da terra que chamava.

ENTREVISTADORA: Pra ter aprovação do Ministério do Trabalho.

JOSÉ FRANCISCO: Pra ter aprovação. Era um caminho longo, longo.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ FRANCISCO: E nisso nós conhecemos então um grande educador, educador sindical, que foi Afrânio. Afrânio de Oliveira, uma pessoa com a qual nós desenvolvemos uma amizade com ele, com a família, porque a vida dele era dedicada totalmente, integralmente ao movimento dos trabalhadores rurais, à formação dos sindicatos e à defesa do trabalhador rural, que era muito espezinhada! O trabalhador rural, sem quê nem pra quê estava denunciado em delegacias. Isso era comum! Comum! Por nada!

ENTREVISTADORA: Denúncia de trabalhadores rurais?

JOSÉ FRANCISCO: Denúncia contra eles, por tantos motivos, né. E ele, e também nas causas trabalhistas próprias, porque eram despropriados, né? Além das invasões de terra, que isso era comum, você ter famílias trabalhadoras que moravam em região a séculos, e eles ali eram expropriados, era grilado, não é? Você tinha grilagem institucionalizada praticamente, né. E isso

então, e o Afrânio era esse grande defensor. Ele era contratado da federação dos trabalhadores da agricultura. Com o caminhar eu fui também, digamos, reconhecido pela Federação dos Trabalhadores da Agricultura, André Montalvão mesmo era presidente na época e que me tinha ali como um militante importante da causa, eu participava então não só no campo, mas também nos encontros de trabalhadores, nos encontros que a Federação organizava, eu tava sempre convidado pra estar junto, então foi uma coisa que foi uma espontaneidade que ela cresceu...

ENTREVISTADORA: Entendi.

JOSÉ FRANCISCO: E isso era muito, muito...

ENTREVISTADORA: Houve uma convergência, né.

JOSÉ FRANCISCO: Uma convergência, exatamente. E com isso, quando chega no ano de 78, 79, começa a expansão então da comissão dos trabalhadores da terra, não é? O...

ENTREVISTADORA: Da CPT no caso.

JOSÉ FRANCISCO: Da CPT.

ENTREVISTADORA: Da Pastoral da Terra.

JOSÉ FRANCISCO: Da Pastoral da Terra. Ela começa então a partir de um gesto, ele era padre à época, de Bocaiuva, padre Geraldo de Castro, que veio a ser bispo e depois arcebispo em Montes Claros, mas àquela época ainda como padre ele dava uma chancela no município de Bocaiuva. Ali morava o Léo e a Bia, e eles então, e o Buda, eles então já começaram ali embrionariamente o movimento de junta pastoral da terra, formando a Pastoral da Terra, que depois veio para Montes Claros e se expandiu, se tornou, veio o padre Jerônimo, que foi o nosso verdadeiro formador, que deu vários cursos e ficou lá por muito tempo, formando a gente na...

ENTREVISTADORA: O Jerônimo era baseado em Teófilo Otoni, não é?

JOSÉ FRANCISCO: Em Teófilo Otoni, mas ali ela dava o curso em ficava em Montes Claros conosco, que ficava um tempo longo com a gente, dando informação pra gente, que a gente precisava de formalizar, de conhecer, né? Exatamente a metodologia, etc. Então foi um período muito fértil. Isso cresceu, porque ao mesmo tempo isso veio somar também com o movimento urbano, porque também as cidades começavam a se organizar em ações comunitárias, ação de reivindicação, quer dizer, era um momento, era o momento que tivemos anistia em 79, a luta pela constituinte, então tudo isso também era pauta, não é? Mesmo quando você lutava pela melhoria das questões de saúde no campo, pela melhoria das questões de trabalho e a questão da terra e a reivindicação da terra e a luta contra a grilagem, ao mesmo tempo você tinha um movimento, que ele era nacional, no sentido da democracia no Brasil, ditadura ninguém aguenta mais! Isso tudo era um grande movimento, né.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ FRANCISCO: E isso a gente fazia com muito, com muito, isso era impressionante como a gente trabalhava! Não tinha final de semana, não tinha noite, era muito prazer.

ENTREVISTADORA: E nesses trabalhos, você se lembra de algum caso ou situação que lhe chamou atenção? Que marcou sua memória.

JOSÉ FRANCISCO: Vários! Vários casos...

ENTREVISTADORA: De conflito ou de situações de perseguição.

JOSÉ FRANCISCO: Uma situação que, era interessante porque teve uma enchente muito grande em 79 e essa enchente, ela tirou as pessoas do seu habitat, porque pro lado da cidade ela encheu, as pessoas que eram ribeirinhas tiveram que ser deslocadas para outros lugares, não é? E as pessoas do campo que moravam em ilhas ou na beira, né, nas suas terras muito a beira da lagoa, perderam tudo. Foi uma enchente que nunca houve e acho que nunca teve igual depois dessa, 79, naquela região do norte inteiro. Foi longo o tempo. E eu trabalhei diretamente em alguns municípios para ver a questão da saúde e ali nós identificamos que vinha muito socorro para as populações e nós identificamos que aquilo ficava em determinado lugar, a população não tinha acesso ou o acesso era seletivo e o trabalhador, o rural, aquele que era o mais prejudicado, não tinha o menor acesso aquele que vinha. Então fiz um relatório daquelas minhas observações, desde as condições de saúde que a gente percebia, até essas condições dos bens que vinham, que era cesta básica ou coisas pra saneamento (trecho incompreensível) que eu não consigo lembrar exatamente. Mas então no meu relatório eu dizia isso, que aquilo era distribuído de uma forma que não era direcionada a quem de direito, a quem era o atingido, mas era uma, era uma forma política de quem estava então no poder local pra poder fazer as entregas e distribuição. E numa das reuniões, que eu frequentava sempre as reuniões de sindicato, eu tava ali sempre com as pessoas, eu mostrei o relatório, viram aquilo lá e tal, “esse relatório é tudo que a gente precisa para poder fazer uma denúncia do que tá acontecendo”, então nós trocamos, eu não assinei o relatório, o relatório passou a ser um relatório do sindicato dos trabalhadores...

ENTREVISTADORA: Qual sindicato?

JOSÉ FRANCISCO: Dos trabalhadores rurais de São Francisco.

ENTREVISTADORA: Ah, São Francisco.

JOSÉ FRANCISCO: Que então enviou para a Federação e a Federação para a CONTAG, e aquele relatório então foi parar na mão do ministro, André (trecho incompreensível) à época, que ficou irado! Ele foi a São Francisco, foi a região norte e queria de toda forma entender como aquilo, isso termina que virou uma intervenção...

ENTREVISTADORA: Mas ele ficou irado com a situação ou com o relatório?

JOSÉ FRANCISCO: Com o relatório, como aquilo...

ENTREVISTADORA: Tomou a dimensão...

JOSÉ FRANCISCO: O sindicato assumiu integralmente como dele. Eles fizeram, observaram e tal, mas eles queriam saber, pela linguagem talvez, né, pelo formato de escrever e tal. Mas enfim, termina que a CONTAG se, né, leva isso ao ministro e há uma intervenção na região no sentido então de fazer com que essas coisas fossem então doadas a quem de direito, né. Esse foi o episódio pra mim que marca muito claro o formato e como a ditadura trabalhava. 79 era plena ditadura ainda, né. Ainda. Quer dizer, a intervenção dela repassa os valores, repassa os benefícios para o poder local, que faz essa distribuição e faz de acordo com a sua lógica, né, beneficiar os seus (trecho incompreensível), beneficiar os seus, e aqueles que eram realmente atingidos, não se importavam muito, né? É um episódio que eu me lembro assim, muito, talvez eu fale coisas aqui que você despreza se achar, mas é o que me vem à cabeça, assim, né. Tem uma coisa interessante, e que nossos serviços da área de saúde, o que a gente propunha era também muito avançado, não é? E que veio dar depois o modelo SUS, ou aquele que a gente fazia. Mas a gente recebia muita gente! Recebia gente (trecho incompreensível) da Nicarágua, da Argentina, vários países da América, porque iam ficar conosco para ver o que a gente estava fazendo, para discutir e aprender metodologia com a qual a gente tava fazendo aquele serviço de saúde.

ENTREVISTADORA: Mas agentes públicos ou militantes?

JOSÉ FRANCISCO: Agentes públicos...

ENTREVISTADORA: Agentes públicos.

JOSÉ FRANCISCO: E militantes.

ENTREVISTADORA: E militantes.

JOSÉ FRANCISCO: Militantes às vezes...

ENTREVISTADORA: Eram agente público.

JOSÉ FRANCISCO: Às vezes, às vezes tinha que sair de outra ditadura e vinha pra cá...

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ FRANCISCO: Que a gente acolhia, não é?

ENTREVISTADORA: Entendi.

JOSÉ FRANCISCO: Igual pessoas da CGT da Argentina, seriam mortos, (trecho incompreensível) ficavam conosco um período, e também entrava ali na nossa dinâmica da saúde e também eram pessoas que ajudavam a nos formar também. Mas teve uma que foi muito interessante, ele era o vice-ministro da Nicarágua. Ele era médico, revolucionário, um cara que

pegou em armas e tudo, e quando ele chegou nós falamos: “poxa, que coisa ótima! Tá aqui” Larre, “O Larre” aí (trecho incompreensível) “olha, você tem, nós te queremos também no nosso movimento que é a parte do trabalho, é uma coisa que a gente faz como militante e tal”, e ele se interessou no ato, e aí nós propusemos um encontro da liderança, né, Eloy, Marcelino, Anísio, outros líderes, fazer um encontro com o Larre, pra falar então da revolução da Nicarágua, pra contar como que aquilo, né? E vai haver uma troca, um intercâmbio ali com aquela liderança nossa lá da região. E quando nós chegamos então, foi na casa do Afrânio, em Montes Claros, ele já morava em Montes Claros nessa época. Aí falamos “nossa!”...

ENTREVISTADORA: É 83 mais ou menos, né? 82, 83...

JOSÉ FRANCISCO: 81, 82. Eu não sei exatamente a data.

ENTREVISTADORA: 82, 83 ele já tá em Montes Claros.

JOSÉ FRANCISCO: Então foi isso, foi logo no começo. Então nós então propusemos esse encontro, e na hora falamos: “poxa, como é que nós vamos fazer agora? Como é que vai ser? Como é que o pessoal vai entender? Ele não fala uma palavra de português, ele fala espanhol, e a turma... Vai ser difícil!”, vamos experimentar, já que tava marcado, já tinha chegado todo mundo, aí começa a conversa. Qual que era o interesse dos trabalhadores, né? Isso foi muito bonito, foi muito interessante, foi uma lição pra nós todos. Não precisou de nenhuma tradução, nenhuma palavra, porque o interesse era a causa, a causa da mudança, da democracia, de um governo popular, de um governo do povo, então o que os trabalhadores queriam saber? Como é que eles fizeram pra chegar lá! Pra chegar lá! Então foi uma conversa fácil, que fluiu de uma forma assim, tão...

ENTREVISTADORA: Então os próprios trabalhadores já tinham uma consciência da necessidade de democratização pra além da questão agrária, né.

JOSÉ FRANCISCO: É, sem isso nada iria à frente, se não tivesse estado democrático de direito nada ia... Já tinham essa consciência, exatamente. Então foi muito interessante porque a conversa foi pra esse lado, a revolução como que foi feita, como foram que se arregimentaram as forças e etc, etc, etc, para então que virasse a Nicarágua um governo popular.

ENTREVISTADORA: Essa informação a gente não tinha, de que teve esse intercâmbio.

JOSÉ FRANCISCO: Teve esse intercâmbio. Afrânio é capaz de lembrar. Eu fui na casa dele, inclusive, essa primeira reunião. Depois teve outras, in loco, no próprio local né. Me lembro também assim, esse encontro das lideranças era sempre muito bom, porque era uma metodologia importante porque dali você tirava as metas de abrir, formar novos sindicatos, né? A

expansão, o crescimento e a educação de base, era assim que se crescia o movimento e com essa consciência, com essas pessoas fortes, né.

ENTREVISTADORA: Para além dessas dificuldades burocráticas, né, próprias pra se conseguir autorização do Ministério do Trabalho, quais outros tipos de dificuldades políticas ou (trecho incompreensível)...

JOSÉ FRANCISCO: O sindicato não tinha vida fácil, não. Sindicato não tinha vida fácil não. Volta e meia você tinha, você tinha polícia na porta, volta e meia você tinha, por nada! Uma questão de uma denúncia qualquer, que era a forma de se intimidar, mostrar que o poder tava ali. Mas eu quis lembrar uma coisa, que era, teve um momento que nós ficamos preocupados com as lideranças, então eu morava em Montes Claros, não é? E muitas vezes ainda não tinha a casa do trabalhador, casa do trabalhador veio a ser depois, lá em 84. Mas até ali não tinha a casa do trabalhador, tinha então as pessoas ficavam, então minha casa, por muitas vezes era uma casa que recebia, dormiam lá, as vezes vinham de Belo Horizonte, de alguma coisa, dormiam lá e no outro dia saía. E eu tinha um apoiozinho que eu dava, eu tinha um fuscazinho que meu irmão dirigia, e várias vezes, o Eloy já era um pouco, já tinha um pouco de preocupação com o Eloy, então meu irmão saía, saía de Montes Claros de madrugada e levava o Eloy lá na Serra das Araras, para deixar ele em casa. Essa é uma coisa que, assim, marca muito, porque daí a pouco vem o assassinato do Eloy, e nós temos, isso que é uma questão que é vizinho, não é nada disso! A gente não acredita que isso tenha sido algo casual, uma briga qualquer, não! Aquilo foi algo, o Eloy era uma grande liderança, era uma liderança que já extrapolava o território mineiro, era uma liderança reconhecida, e era um sujeito de base de força que era capaz, era capaz de levantar plateias mesmo, porque ele tinha uma verve, era muito direcionada, ele falava a linguagem do trabalhador, ele era um homem do campo e assim ele conversava, como um homem do campo. E isso ele fazia. Então eu tenho pra mim, que acompanhou, quem conviveu, quem conheceu com o Eloy, que foi de fato algo (trecho incompreensível) de alguém que era uma liderança importante.

ENTREVISTADORA: Dos camponeses.

JOSÉ FRANCISCO: Dos camponeses.

ENTREVISTADORA: Retirar a força de mobilização.

JOSÉ FRANCISCO: Exatamente. E a gente, quando saiu a notícia nós fomos imediatamente pra São Francisco, imediatamente. Nós já estávamos ali no governo, em Minas era o governo chamado “governo da virada”, que era eleição de 82, a oposição ganhou, quer dizer, nós ganhamos as eleições, quer dizer, o candidato da ditadura perdeu, quer dizer, respirava

democracia, né? Ainda estava debaixo da ditadura, mas ali já começa campanha das diretas, há um movimento gigante nacional, né. E quando então acontece o assassinato do Eloy, então nós vamos para São Francisco para que seja preservado o corpo porque a gente queria, era importante que fosse feito tudo conforme estava na legislação, autópsia e etc, né. E os trabalhadores também com essa preocupação, né, então nós conseguimos, e como vocês já tinham estado com essa posição, nós conseguimos um avião, da Ruralminas, né, cujo presidente era Jafete, né, consegue o avião da Ruralminas, que vai na Serra, que traz o corpo pra São Francisco, senão não teria como ele chegar, seria uma complicação enorme! Esse mesmo avião pega o legista em Montes Claros, senão me engano, difícil ter um legista em São Francisco! Que vem pra São Francisco e faz a autópsia, né, na fazenda, faz todo aquele procedimento. E isso marcou muito! Todos ali, né.

ENTREVISTADORA: Você presenciou?

JOSÉ FRANCISCO: Presenciei, eu estava, eu fui imediatamente pra São Francisco! Quando veio a notícia eu fui imediatamente, eu e todos os outros. O secretário adjunto da secretaria do trabalho, Paulo Rogêdo, foi pra São Francisco, além de toda a Federação dos Trabalhadores inteira, em peso. Várias autoridades, não é? O próprio governador quis saber e deu apoio no sentido da... E por incrível que pareça, na porta, porque o velório, o corpo ficou no hospital (trecho incompreensível) São Francisco, passaram na porta e soltaram foguetes. Foguetes. (trecho incompreensível) viu. Enfim, mas conseguimos o legista, vai, faz autópsia como se deve né, e então logo depois, assim, foi um negócio de dois, três dias, já tinha, aquele, o corpo já não aguentava mais, mas nós ficamos. E impressionante, os trabalhadores, a notícia correu e São Francisco encheu! Encheu! São pequenos detalhes, mas que acho que nesse movimento mostra também a força e mostra também a organização desse povo. Naquele momento estavam (trecho incompreensível) organizados, e uma organização em crescimento. A expansão do sindicato, se você pegar e olhar, você deve ter registros, não sei bem, mas há uma expansão dos sindicatos, começa a crescer, você começa a ter sindicato em tantas outras cidades, você tinha poucas cidades no norte de Minas que tinha sindicato. E começa a formar o sindicato em tantos outros lugares.

ENTREVISTADORA: Sobre essa situação do Eloy, você tem outros detalhes...

JOSÉ FRANCISCO: Sobre a situação...

ENTREVISTADORA: ...sobre o Eloy, tem outros detalhes que você gostaria de destacar? Talvez em relação eu falo do Leonardo ou Amorim, ou algo que aconteceu depois.



JOSÉ FRANCISCO: O que eu acho ali é que você conseguiu ali...

ENTREVISTADORA: Em relação aos filhos também...

JOSÉ FRANCISCO: ...que o processo fosse a frente, serem julgados e condenados, né? Que era como, até ali era você fazia e ficava por isso mesmo, né? Por mais que tentaram, mas o processo seguiu, né? E pra gente era claro, a autópsia era um marco, você tinha que fazer, senão ficava muito fácil escapar, (trecho incompreensível) registrado, tem um legista que foi, e que (trecho incompreensível) perdi aqui um pouco que você...

ENTREVISTADORA: Eu perguntei se você gostaria de destacar algo relacionado depois da morte, logo depois da morte, se aconteceu algo que envolva o Paulo Leonardo, o Amorim ou os filhos do Eloy... Algum tipo de ameaça ou ato.

JOSÉ FRANCISCO: Ficou, todos ficaram, as ameaças claro que aquele ambiente ficou muito tenso, né. Não foi uma morte...

ENTREVISTADORA: Como que foi o ambiente logo depois dessa morte?

JOSÉ FRANCISCO: Ah, o ambiente ficou muito tenso! Claro, de um lado você tinha toda tristeza do movimento, mas você também tinha que a luta não vai parar, né? E isso faz com que o sindicato de São Francisco, o pessoal termina que entra em uma posição muito mais avançada, né? Tanto do ponto de vista da igreja local, São Francisco, que cresce o movimento, como dos próprios filhos do Eloy, que vêm pro movimento. O filho do Eloy se torna...

ENTREVISTADORA: O presidente.

JOSÉ FRANCISCO: Se torna o presidente do sindicato, entra pra luta, né.

ENTREVISTADORA: Mas em relação a Eloy, então só presenciou a questão da morte, os procedimentos imediatos em relação ao corpo, né, e a mobilização na cidade.

JOSÉ FRANCISCO: A mobilização e nós continuamos a, continuamos a acompanhar o movimento

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ FRANCISCO: Né? Estar presente, né? No caso, particularmente. Depois, quando chega em 84, meio de 84, mais pra... pra... Desculpe, eu não tenho certeza se o Jefete tava à época na Ruralminas, eu confundo um pouco as datas, eu tenho que checar isso.

ENTREVISTADORA: Acho que ele estava no Incra nessa época, né? Porque ele assumiu...

JOSÉ FRANCISCO: 85 né?

ENTREVISTADORA: Assumiu a Ruralminas temporariamente...

JOSÉ FRANCISCO: 85, né?

ENTREVISTADORA: Para reestabelecer a instituição.

JOSÉ FRANCISCO: Já foi em 85, né?

ENTREVISTADORA: É, aí eu acho que ele está no Incra, faz parecer com ele.

JOSÉ FRANCISCO: É mas de toda forma, toda forma o Paulo Rogêdo era o secretario de trabalho, foi pra lá, que consegue aeronave, que a aeronave vai...Mas, oh...

ENTREVISTADORA: Teve aeronave de um órgão ligado ao estado né?

JOSÉ FRANCISCO: É.

ENTREVISTADORA: Isso aí é fato. Entendi. Que mostra a importância do Eloy, né? Perante às autoridades também, a repercussão que o Eloy tinha.

JOSÉ FRANCISCO: Muito! Ele tinha acabado de ser condecorado com a medalha da Inconfidência, mas aí começa quando, quando a mudança na... Porque havia uma expectativa com relação muito à Ruralminas, e com há uma mudança na Ruralminas, e essa mudança leva o Jafete para a Ruralminas, né? E eu estava muito acomodado ali, acomodado no sentido, tava muito bem, minha vida tava boa. Mas (trecho incompreensível) chamado pra que eu venha pra Belo Horizonte para a Ruralminas, para trabalhar na Ruralminas. E te falo a verdade, que ele não tinha isso como projeto, eu sei que era ascensão profissional, tudo isso conta, mas eu não tinha isso como projeto, meu projeto era ali, eu estava baseado em Montes Claros e eu acompanhando ainda todo esse movimento, que eu gostava disso. Então o encontro da Fetaemg em Montes Claros, o Montalvão, isso chegou até o Montalvão, daí o Montalvão falou: “poxa (trecho incompreensível), precisando de você na Ruralminas”, e aí é como mexer com minha alma, não saberia dizer “não” pro movimento, né. E daí então eu vim, eu vim pra Ruralminas.

ENTREVISTADORA: Mas aí então o próprio Montalvão, a Ruralminas meio que houve uma abertura talvez ao diálogo com a Fetaemg, o Montalvão inicialmente. Porque se ele que trouxe pra você a oportunidade, né, de...

JOSÉ FRANCISCO: É, a coisa tava colocada, né.

ENTREVISTADORA: É, pra ser a ponte...

JOSÉ FRANCISCO: ...colocada para que eu viesse, eu tava resistindo, e (trecho incompreensível) falou assim: “mas você não pode negar isso para os trabalhadores, né”.

ENTREVISTADORA: Ah, entendi agora.

JOSÉ FRANCISCO: “Você não vai negar isso, nós precisamos de você lá”.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ FRANCISCO: E aí pronto.

ENTREVISTADORA: Meio como uma oportunidade, né.

JOSÉ FRANCISCO: Aí pra mim já vira missão, né? Então aí eu...

ENTREVISTADORA: Entendi.

JOSÉ FRANCISCO: ...pra Ruralminas trabalhar com o Jafete.

ENTREVISTADORA: E só pra fechar uma coisa sobre o Eloy, a gente recebeu indícios de que o Antônio Luciano Pereira Filho teria algum tipo de envolvimento com os atos de grilagem em São Francisco e talvez com a morte do Eloy. Você sabe de algo em relação a isso...

JOSÉ FRANCISCO: Não, só mesmo com essa coisa à época, se falava, né?

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ FRANCISCO: Se falava. Agora, aí sim, eu acho que o pessoal de São Francisco, sim, eu acho que tem, pode ter mais elementos que pode corroborar nessa direção.

ENTREVISTADORA: Sem problemas.

JOSÉ FRANCISCO: Mas, eu mesmo, é só mesmo, como assim, bom, isso, essa morte esse envolvimento do Paulo e se tem a ver com a grilagem ligada ao Antônio Luciano e tal, mas é algo que ficou ali no, né, e até hoje essa coisa (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Mas era algo que corria...

JOSÉ FRANCISCO: Que corria, que se falava.

ENTREVISTADORA: Que era o intermediário talvez que atuava. Tá. Tudo bem. Então no norte de Minas, só pra fechar, antes de a gente ir pra Ruralminas. Você lembra de outras situações que se destaca uma liderança de trabalhadores rurais, além do Marcelino e do Eloy? Ou alguma situação na formação dos sindicatos que houve interferência de...

JOSÉ FRANCISCO: Anísio, né.

ENTREVISTADORA: ...fazendeiros (trecho incompreensível).

JOSÉ FRANCISCO: Anísio Pereira, que foi um grande de Manga.

ENTREVISTADORA: De Manga.

JOSÉ FRANCISCO: É.

ENTREVISTADORA: Você pode falar mais sobre ele?

JOSÉ FRANCISCO: O Anísio também é uma liderança muito, (trecho incompreensível) um homem de família grande, que tinha uma dedicação enorme, e uma confiança enorme no trabalhador, do pequeno proprietário, do pequeno, do trabalhador e do sem-terra. Os sindicatos, ele formou um sindicato muito forte.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ FRANCISCO: Em Manga. E enfrentava realmente e, digamos assim, tinha o respeito mesmo dos grileiros fazendeiros, porque ele não abaixava a guarda não. Ele era uma pessoa de ir pra cima, de ir pra frente.

ENTREVISTADORA: É porque a gente até então não encontrou documentação sobre o Anísio. É uma novidade no caso (trecho incompreensível), sobre o sindicato de Manga, especificamente.

JOSÉ FRANCISCO: Uhum. O Anísio, ele vai à luta, fortalece o sindicato, depois já nos anos, já nos anos 90, final dos 80, o Anísio, ele participa com o movimento dos trabalhadores e ele ocupa uma área.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ FRANCISCO: Uma área grande, com muitos trabalhadores, e passa a viver lá dentro. Ele morreu assim, morreu dentro de uma, de uma, de uma ocupação.

ENTREVISTADORA: Uhum. Entendi.

JOSÉ FRANCISCO: Eu vou olhar pra você. A Beré é uma médica, uma pessoa que era também uma nossa companheira, uma militante também e acompanhou muito Manga, de perto. Vou saber dela se ela tem algum documento, algum registro, algum relatório que diga do...

ENTREVISTADORA: Do sindicato.

JOSÉ FRANCISCO: ...do sindicato, que diga do...

ENTREVISTADORA: Do Anísio.

JOSÉ FRANCISCO: Do Anísio.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ FRANCISCO: Anísio Pereira. E te falo, um registro assim, por esses dias.

ENTREVISTADORA: Então as situações também de ameaça o senhor não se lembra? Contra a liderança dos trabalhadores rurais, de violência...

JOSÉ FRANCISCO: É porque era algo tão constante, era algo tão constante que fala assim, como diz, pra você fazer uma reunião pra formar um sindicato, corria o risco de chegar polícia e tirar! Então essa ameaça era permanente, era uma luta que você tinha contra o poder estabelecido mesmo.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ FRANCISCO: E as ameaças e o sujeito parar, fazendeiro dar queixa em delegacia, como se houvesse algo de extraordinário acontecendo, era muito comum. Era só haver o movimento, era algo que era, quer dizer, de uma luta constante. Agora, o que você tem? Você tem o crescimento, o incentivo fiscal que ia pra região, que as fazendas então, você começa a ter um

incentivo para os empréstimos, para você melhorar a qualidade do seu gado, etc. Aí, nesse momento então, você tem uma opressão que é a grilagem aumentando e as áreas ocupadas por gado também aumentando, que isso é dos anos 70.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ FRANCISCO: 70, 80.

ENTREVISTADORA: Os impactos dos projetos governamentais também proporcionaram esse crescimento das fazendas...

JOSÉ FRANCISCO: É, que era uma forma de pressão. Digamos assim, ela não era uma ameaça direta, mas uma ameaça velada que traduzia depois em uma ocupação de uma área.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ FRANCISCO: E que, quando você vai ver, ali já tinha uma ocupação centenária.

ENTREVISTADORA: Você gostaria de falar mais sobre esses impasses dos projetos governamentais lá no norte de Minas?

JOSÉ FRANCISCO: Olha, isso foi uma decisão, né, uma decisão, digamos, ela foi com a criação da Sudene, né? Que você teve então ali todo um incentivo fiscal para a expansão tanto na região de Montes Claros com as indústrias que se beneficiaram disso (trecho incompreensível) pra você modernizar as fazendas, melhorar a qualidade do gado, né? E junto disso, você teve a regularização de terras dos anos 60 a 70, né, que beneficiou a tantos grupos, né? Tivemos ali uma, uma, ainda com a queda da ditadura e o ganho das eleições de 82, com a vitória do Tancredo, você pôde ainda rediscutir o projeto Jaíba, porque ele só contemplava, só contemplava as grandes empresas. (trecho incompreensível) eu não vou lembrar o nome...

ENTREVISTADORA: Seria muito interessante você falar mais sobre o projeto Jaíba, porque a gente teve acesso a documentação da CPI da Ruralminas e a CPI da violência no campo, não é muito problematizado os rumos do projeto Jaíba em relação a origem, lá no Israel Pinheiro, até os anos 80.

JOSÉ FRANCISCO: Pois é, a origem, ela só contemplava a grande, o grande latifúndio, as grandes empresas, tanto pra área de expansão da agricultura ligada, você contemplava, eu não lembro, acho que era (trecho incompreensível) o nome da empresa, praticamente que era o projeto como um todo. Você tinha só grandes empresas. O trabalhador ali era pra mão de obra. E isso sofreu modificação a partir dessa intervenção, não é? Que voltava o projeto a pequenos proprietários, então você teve uma rediscussão para então que você teve um modelo híbrido, aí você teve grande, média e teve também pequenos proprietários, que pra falar a verdade eu não sei (trecho incompreensível) quem foram ao final das contas beneficiado. Mas, de toda forma, de

toda forma você teve uma dimensão aí de lotes menores para beneficiar a outra faixa, né? E ele, quer dizer, o projeto, acho que ele tá, hoje não sei, mas parece que ali é um celeiro, né? De produção.

ENTREVISTADORA: É o maior projeto de irrigação da América Latina, né. Que carrega essa história. Então vamos mudar pra Ruralminas, né. O senhor veio a Belo Horizonte, começou a atuar na Ruralminas, quais funções o senhor desempenhava?

JOSÉ FRANCISCO: Olha, era muito em relação com o norte. Fazia outras coisas também, mas era muito em relação com o norte. E o Acir deixou um saldo muito negativo, né? Porque no próprio projeto Jaíba, deixou que se ocorresse uma invasão, mas uma invasão guiada, que ao mesmo tempo, ao mesmo tempo que foi uma coisa importante, que foi expropriação de Cachoeirinha, que é um resgato histórico e uma justiça, né, feita, e feita, teve uma determinação governamental. Foi uma ousadia, né? Do governo, já que a questão era federal, digamos assim, mas no entanto ele teve uma, encontrou uma saída, não é? Que foi então a expropriação, declarar a terra de utilidade e reverter e voltar para os donos originais, né. Mas isso também você teve aquela, essas pessoas que eram um pouco desorganizado, eram pessoas que precisavam, mas muito com o sentido mais ou menos como o princípio da grilagem, que (trecho incompreensível) instrumentalizou essa turma para ocupar uma faixa da Jaíba. Então isso foi um grande problema.

ENTREVISTADORA: Se utilizando o aparato da Ruralminas para favorecer atos de grilagem que favoreciam determinadas pessoas...

JOSÉ FRANCISCO: Grilagem com um grupo, mas só que era um grupo de pessoas simples, era um grupo aí de, então era, mas não eram pessoas que estavam ligadas, entende? Elas não estavam ligadas ao movimento dos trabalhadores rurais, nem os trabalhadores sem-terra, nem, entendeu?

ENTREVISTADORA: Seria de médios proprietários ou (trecho incompreensível)

JOSÉ FRANCISCO: Pode ser, mas era uma coisa muito desorganizada, mas com aquele sentido de ocupar terra para depois você o que? Fazer daquilo um negócio. Era esse só o sentido. Então foi uma coisa criminoso.

ENTREVISTADORA: Só para esclarecer, instrumentalizar, promover essa ocupação por pessoas, no caso não seriam grileiros no sentido de latifundiários...

JOSÉ FRANCISCO: Não.

ENTREVISTADORA: ...grandes proprietários.

JOSÉ FRANCISCO: Eram pequenos.

ENTREVISTADORA: Mas instrumentalizar para negócios...

JOSÉ FRANCISCO: Para se tornar algo sem volta, né, porque você ocupava... Mas a vida deles, o sentido daquela, era tornar terra que seria ali, entre aspas, depois legalizada para o negócio, para interesses outros, não é? Não eram pessoas que tinham uma identidade com a terra, um lavrador típico, era uma mistura, não é? Era uma mistura, assim, muito estranha.

ENTREVISTADORA: Através de contrato de arrendamento, por exemplo?

JOSÉ FRANCISCO: Ocupa e depois vamos ver, isso depois vai ser legalizado e depois a gente faz disso negócio.

ENTREVISTADORA: Eu tô me lembrando dos documentos da CPI.

JOSÉ FRANCISCO: Isso aparece, né?

ENTREVISTADORA: Aparece.

JOSÉ FRANCISCO: Então aí eu tive que atuar (trecho incompreensível), mas eu ia! Ia eu e o Hugo, e fizemos várias e várias reuniões.

ENTREVISTADORA: O Fonseca?

JOSÉ FRANCISCO: Hugo da Ruralminas eu não sei o sobrenome dele.

ENTREVISTADORA: Fonseca.

JOSÉ FRANCISCO: Figuraça! É um (trecho incompreensível) forte, um cara...

ENTREVISTADORA: Ele morreu?

JOSÉ FRANCISCO: Acho que o Hugo morreu.

ENTREVISTADORA: Eu não consegui encontra-lo, imaginei que isso aconteceu. E o senhor conheceu, por exemplo, o Luiz Marcos de Magalhães Gomes, que atuou no Incra?

JOSÉ FRANCISCO: Quem?

ENTREVISTADORA: Luiz Marcos de Magalhães Gomes.

JOSÉ FRANCISCO: Sim. O Luizinho. Luizinho morreu.

ENTREVISTADORA: Eu gostaria de saber qual o paradeiro dele.

JOSÉ FRANCISCO: Não, não! Quem morreu foi a irmã dele! Luizinho encontrei com ele um ano e pouco atrás, numa exposição.

ENTREVISTADORA: Mas é o que atua no Incra, como diretor...

JOSÉ FRANCISCO: Ele foi, ele foi do jornal Movimenta, foi muito importante.

ENTREVISTADORA: Mas esse mesmo que atuou no Incra?

JOSÉ FRANCISCO: Sim, Luiz.

ENTREVISTADORA: É porque a gente tem uma certa dificuldade para entender se corresponde à pessoa que era do movimento estudantil, né.

JOSÉ FRANCISCO: É o mesmo.

ENTREVISTADORA: Se é o mesmo do Incra.

JOSÉ FRANCISCO: É o mesmo.

ENTREVISTADORA: Isso que a gente gostaria, que foi acusado de ser infiltrado, pelo SMI no Incra. A gente gostaria só de esclarecer isso.

JOSÉ FRANCISCO: É o mesmo.

ENTREVISTADORA: É o mesmo, né.

JOSÉ FRANCISCO: É, um cara correto. Mas então isso foi um trabalho importante e longo, porque você tinha uma negociação com esse grupo, seria algo leviano deixar com que isso permanecesse, que o Moacir deixou.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ FRANCISCO: Entendeu? Era jagunço, era coisa típica de jagunço, cara de jagunço, jagunçada, se posso chamar assim. Então fizemos várias reuniões, várias assembleias (trecho incompreensível) “você vai ser morto nisso (trecho incompreensível)” a gente conseguia, eu e o Hugo, a gente conseguiu. Depois pra te falar a verdade não sei o final da negociação, como foi. Mas eu sei que...

ENTREVISTADORA: Naquela época...

JOSÉ FRANCISCO: ...não prevaleceu essa coisa, o que prevaleceu foi a Cachoeirinha, com a desapropriação que ocuparam, que era algo legítimo, justo, era luta nossa, né, dos (trecho incompreensível) que a gente acompanhava e dava apoio (trecho incompreensível)

ENTREVISTADORA: Então o projeto Jaíba envolveu também pessoas, não só os posseiros (trecho incompreensível) identidade, né, do movimento mesmo, mas também outros, frutos dessa estratégia do Moacir Lopes, no caso.

JOSÉ FRANCISCO: Exatamente.

ENTREVISTADORA: Tá. Então na Ruralminas, o senhor se lembra de outra atuação em relação ao norte de Minas? Qual que era a atuação da Ruralminas? Porque a percepção...

JOSÉ FRANCISCO: Era uma empresa grande, né? Uma empresa que você tinha várias frentes, você tinha de regularização fundiária ao maquinário que abria estrada.

ENTREVISTADORA: Mas em relação às terras devolutas (trecho incompreensível)

JOSÉ FRANCISCO: Pois é, aí foi algo muito rápido, que nós ficamos lá um ano, foi o tempo que o Jafete ficou, mas eu lembro que a gente trabalhava para até então (trecho incompreensível) que o



Lins defendia, que já morreu também, e o professor Romaneli, que ainda é vivo, que assessorou o Jafete, esse vale a pena!

ENTREVISTADORA: A gente já...

JOSÉ FRANCISCO: Ham? Entrevistou?

ENTREVISTADORA: ...já temos depoimento.

JOSÉ FRANCISCO: Esse conhece profundamente a legislação, (trecho incompreensível) que atuou no Chile, enfim, ele conhece a questão agrária como ninguém.

ENTREVISTADORA: E ele era o coordenador da nossa equipe no início da Covemg.

JOSÉ FRANCISCO: Oh, gente, é mesmo?

ENTREVISTADORA: É!

JOSÉ FRANCISCO: Olha só! Eu tô falando de (trecho incompreensível) da casa, olha pra você ver!

ENTREVISTADORA: Mas ele deixou textos e contribuições pra gente.

JOSÉ FRANCISCO: Aham. Então havia essa decisão, que pra você rever, inclusive (trecho incompreensível) rever inclusive títulos, não é? Essa era uma decisão que...

ENTREVISTADORA: É, foram identificados títulos irregulares, né?

JOSÉ FRANCISCO: Exatamente.

ENTREVISTADORA: A emissão de títulos irregulares...

JOSÉ FRANCISCO: A gente tava começando a fazer esse trabalho, de fazer o levantamento (trecho incompreensível) identificar os títulos irregulares para retomar a terra e devolver a quem de direito, para você fazer ali uma entrega pequena e etc. Mas foi muito rápido, né? Foi um ano e eu saí.

ENTREVISTADORA: (trecho incompreensível)

JOSÉ FRANCISCO: É. A gente deixou nesse ponto, que foi uma luta dura.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ FRANCISCO: Luta dura. E eu realmente não sei.

ENTREVISTADORA: E depois da Ruralminas?

JOSÉ FRANCISCO: Aí a minha vida profissional você fala?

ENTREVISTADORA: É, o senhor voltou pro norte de Minas? Continuou em contato com...

JOSÉ FRANCISCO: Não, eu nunca mais voltei, porque eu (trecho incompreensível) muito, né, como vou até hoje.

ENTREVISTADORA: Mas aí termina aí o seu vínculo maior com a questão da mobilização no campo?

JOSÉ FRANCISCO: Ainda teve um tempo que a minha, o meu vínculo profissional continuou muito ligado, porque eu fui começar a trabalhar, a desenvolver um sistema de abastecimento, que era fazer a ponte do produtor com o consumo, que naqueles anos 80 você tinha uma grande dificuldade (trecho incompreensível) dificuldade enorme de se alimentar! É uma coisa que tá esquecida, isso não tá muito dito, mas o meio urbano era caro, as pessoas ganhavam pouco, um desemprego que assolava nesse final de ditadura, era uma coisa pior do que está agora! Pior do que está agora! Você tinha fome nas cidades. Então eu começava com o cooperativismo, no sentido de se associar, a população da periferia se associar para comprar e comprava barato. Então ainda continuei com um pouco essa (trecho incompreensível) tendo um pouco esse assessoramento, mas também foi uma coisa rápida, que aí eu fui pra secretaria do trabalho, e eu retomei o contato (trecho incompreensível) com a população e com o movimento do trabalhador em função daquela secretaria.

ENTREVISTADORA: E como era a atuação da secretaria de trabalho diante da sindicalização rural, da mobilização dos trabalhadores rurais?

JOSÉ FRANCISCO: Era de apoio, mas não de interferir, porque você tinha a Federação de (trecho incompreensível) disso, na linha de apoio, na linha de fomento, na linha de facilitar fazer a ponte com a Emater. A secretaria atuava e muito, e também na formação.

ENTREVISTADORA: Mas nesta gestão específica?

JOSÉ FRANCISCO: É, mas era uma linha que...

ENTREVISTADORA: Que já seguia (trecho incompreensível)

JOSÉ FRANCISCO: É, ela já vinha, porque a gestão anterior tinha sido (trecho incompreensível) que tinha isso como meta, né, era sempre de apoio ao trabalhador.

ENTREVISTADORA: Entendi. E tem outras situações, lideranças que o senhor gostaria de destacar? Casos de mortes ou de conflitos de terra?

JOSÉ FRANCISCO: Olha, eu acho que o depoimento daquela, daquela senhora lá em Montes Claros, uma líder, liderança sindical, Geraes que ela conta não acreditar da entrada do reflorestamento, que aquilo poderia ser um crescimento também para o homem do campo e que foi uma, uma traição total. Então isso foi algo que você retirou muito a população do campo, então a expansão do reflorestamento, da forma que foi, da forma que foi, você também desapropriou o trabalhador do seu lugar, do seu habitat, com a expansão do reflorestamento. Isso você trouxe muitos conflitos, muita expulsão, muito conflito, muita exploração do...

ENTREVISTADORA: Houve um agravamento...

JOSÉ FRANCISCO: Um agravamento.

ENTREVISTADORA: ...no contexto com a vida das reflorestadoras.

JOSÉ FRANCISCO: A vinda das reflorestadoras, que também coincide com aquele período, final de 60, princípio de 70, onde elas expandem, não deveria ser feito? Eu acho que a forma, a forma foi de um capitalismo selvagem. Aí eu acho que foi o grande crime, né, que se algo negociado, mas também era mão da ditadura, né? A forma como entravam, aí entravam sem a menor, sem o menor diálogo, né? Mas poderia, que poderia conviver, talvez pudesse, se você tivesse delimitado as áreas, preservando os mananciais, as nascentes, não é? (trecho incompreensível) tudo, né? Absolutamente tudo. Isso foi algo que mudou, que mudou o modo de vida ali daquela população...

ENTREVISTADORA: Deu um impacto muito grande na região.

JOSÉ FRANCISCO: Hm?

ENTREVISTADORA: Teve um impacto muito grande na região.

JOSÉ FRANCISCO: Muito grande! Você via nos anos 70, você ia para aquela região ali de Porteirinha, Mato Verde, Espinoza, Monte Azul, chegava sábado, que era o dia da feira, era uma multidão que vinha em suas charretes, em seus carros pequenos trazendo seus produtos. Acabou! E aquela feira enorme! Mato Verde é uma coisa assim pra você se perder! Que era um modo de vida, porque, imagina, caracterizava como pequenos proprietários, né? Reforma agrária, pequenos proprietários, isso em sua quase totalidade, você tinha grandes, mas a maioria era pequenos proprietários. E uma (trecho incompreensível) gigante, que também essa onda do reflorestamento, ela trouxe mudanças aí também.

ENTREVISTADORA: Culturais, né.

JOSÉ FRANCISCO: Culturais e de inserção mesmo no mercado, (trecho incompreensível) mão de obra, enfim.

ENTREVISTADORA: Mais algum ponto que o senhor gostaria de destacar?

JOSÉ FRANCISCO: Olha, eu acho que esse movimento que veio com a Fetaemg e a CPT, que vem depois e soma, ele foi algo que trouxe de fato uma, um sentimento de pertença, um sentimento de que é possível para o homem do campo ali, porque era uma, (trecho incompreensível)

ENTREVISTADORA: É, digamos, o senhor consegue visualizar o anterior da mobilização da CPT e da presença mais ativa da Fetaemg através do Montalvão, né e depois, né?

JOSÉ FRANCISCO: E Afrânio, né.

ENTREVISTADORA: Qual a diferença que o senhor percebe mais sobre o papel dessas instituições?

JOSÉ FRANCISCO: É difícil de fazer uma análise de hoje, né. Assim, como está hoje.

ENTREVISTADORA: Não, mas em relação quando você chegou na região, que tava no processo ainda de formação, o Montalvão ainda não tinha assumido, tinha assumido mas ele não tinha completado o processo de mudança na Fetaemg, de ações de Fetaemg. Então acredito que o senhor consegue visualizar, né, o antes da região, ou o processo ali de formação, para depois, mais nos anos 80, mais consolidado com a Fetaemg e com a CPT lá, se o senhor consegue ver as mudanças, os impactos dessas instituições diante desses conflitos de terra...

JOSÉ FRANCISCO: Sim, os sindicatos (trecho incompreensível) na região.

ENTREVISTADORA: Através dessas instituições...

JOSÉ FRANCISCO: Através dessas mobilizações, né. Tanto CPT quanto Fetaemg. E lembrar do Luiz Chaves, que foi um outro educador que foi de uma importância enorme! Tanto no enfrentamento das covardias, enfrentamento das violações, quanto do crescimento do movimento sindical. E o movimento cresceu muito com esse enfrentamento.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ FRANCISCO: Também os sindicatos aumentaram, você teve um número maior de sindicato em cidades, como Janaúba, não tinha sindicato, ali nasce sindicato, e outros, né? E outros (trecho incompreensível) que se tornou forte, como Varzelândia, São João da Ponte...

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ FRANCISCO: Há uma massa ali que começa a se despertar e perceber que o sindicato tinha que estar também articulados com a federação e também com o movimento que era necessário, da democracia no Brasil. Que eles entram também nessa luta, né.

ENTREVISTADORA: Uhum. Tudo bem. Mais algum ponto?

JOSÉ FRANCISCO: Não, pra mim tá...

ENTREVISTADORA: Então tudo bem. Obrigada, José Francisco.

JOSÉ FRANCISCO: Desculpa aí se eu não preparei, com essa correria, para estar com você, viu?

ENTREVISTADORA: Muito obrigada pelo depoimento. Encerro aqui.